

A presença das torcedoras nas arquibancadas dos estádios de futebol na capital mineira.

LEIDE DE FÁTIMA BOTELHO*

Resumo

Este trabalho possui como objetivo apresentar a história das torcedoras na cidade de Belo Horizonte, assim como apontar os principais acontecimentos que propiciaram uma maior presença do público feminino nas arquibancadas nos últimos anos. Fazendo saltos temporais, a partir das primeiras informações coletadas durante observação participante e das entrevistas semiestruturadas, foi possível constatar que a Dona Alice adquiriu reconhecimento e visibilidade social perante as mulheres torcedoras do Clube Atlético Mineiro ao longo de sua trajetória. Consta que, no início da fundação do clube, em 1908, ela solicitava aos pais de outras mulheres, mais jovens, a autorização para que pudessem acompanhar as partidas futebolísticas, dando início ao primeiro movimento de mulheres nas arquibancadas mesmo que de forma ainda incipiente. Assim sendo, foi possível reconstruir parcialmente a história do público feminino em relação à ocupação desse espaço dentro dos estádios de futebol na capital mineira, elucidando os principais conflitos e tensões vivenciados pelas mulheres que se tornaram símbolos de luta e resistência, apresentando uma nova forma de torcer nos dias atuais.

Palavras-chave: Torcedoras; arquibancadas; resistência.

INTRODUÇÃO

Apresentar a história das torcedoras na cidade de Belo Horizonte é, de certa forma, conhecer aquelas que possibilitaram que hoje eu pudesse, também, adentrar nos campos da paixão por aquele esporte que povoa a mente e o coração de grande parte de um povo. Minha escolha pelo tema vai além do desejo pelo entendimento de questões que inquietam, ela é também uma tentativa de reencontro do lugar da mulher nas arquibancadas, tendo em vista que não se trata de uma presença incomum ao longo dos anos e em algumas ocasiões em proporções iguais a da participação masculina, como menciona Couto (2012).

* Graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo e aluna do curso de pós-graduação em Esporte e Sociedade: perspectivas interdisciplinares - coordenado por Flávia Cristina Soares, Marina de Mattos Dantas e Thiago Carlos Costa.

Desde as primeiras décadas do século XX, as mulheres são presença notada nos estádios da capital mineira. Tal assiduidade não era percebida somente em terras mineiras, mas também no Rio de Janeiro (NETO, 2010), São Paulo (FRANZINI, 2005) e em outras cidades do país (LIMA, 2013).

Em Belo Horizonte, cidade inaugurada em 1908, com ares de modernidade, a popularidade do esporte possibilitava às mulheres novas práticas femininas.

Se para os homens, o esporte significava competição, virilidade e rivalidade, permitindo-lhes experimentar as emoções de um novo estilo de vida, para as mulheres, o futebol também teve um significado relevante: além da ampliação do convívio com o sexo oposto nos espaços públicos, o futebol permitiu uma maior imersão da mulher nos círculos sociais (COUTO, 2012: 429).

Presença certa nas arquibancadas da capital ainda que acompanhando suas famílias, e mesmo que descritas como adorno¹, elas rompiam os limites da sua dita “vida privada” e segundo Couto (2012) desempenhavam o papel de torcedoras e madrinhas dos clubes participando de bailes realizados pelas agremiações esportivas. O caminho feito pela torcedora mineira desde a chegada do futebol no Brasil e a ocupação de seu espaço nas arquibancadas ao longo dos anos, se mantendo como protagonista ou coadjuvante é o objetivo de nossa pesquisa.

Baseada em uma linha de apontamentos, através de fontes de leitura de autores diversos aqui citados, é perceptível com destaque a presença feminina nos campos e estádios da Capital mineira. A mulher é introduzida ao movimento de iniciação do futebol na cidade desde os seus primeiros momentos se firmando como o mais importante elemento de assistência e das torcidas nas três primeiras décadas do século XX. As “senhoras e senhorinhas” eram vistas como grande atrativo para as partidas e, já na metade da segunda década do século, assumiram de forma crescente um papel ativo, reivindicando a participação de torcedora legítima, seja torcendo por um clube ou por um jogador, como era de praxe, na época em todo o Brasil.

O próprio contexto sociocultural da virada do século ampliou as possibilidades da participação social feminina. Os espaços de lazer, entre os quais os relacionados à prática esportiva, foram um dos responsáveis por essa maior presença das mulheres na vida social das cidades. [...] A participação feminina nas arquibancadas era muito valorizada e exaltada, até mesmo porque eram consideradas importantes para garantir o caráter familiar. As mulheres eram encaradas como torcedoras que embelezavam as competições. [...] As mulheres serviam para “enfeitar” o espetáculo (MELO, 2007: 118-119).

¹ Os anos passaram e ainda hoje há uma visão da mulher mais por sua beleza do que pelo seu interesse pelo esporte.

Em 1915, quando é criada criação da Liga Mineira de Sports Athleticos², o futebol alcança popularidade absoluta e é organizado o primeiro campeonato sob os cuidados de uma liga representativa. Neste momento, é percebido de forma clara a passagem da assistência para a paixão clubística. Se até aquele momento a paixão era pelo esporte, dali em diante ficaria mais claro que cada um escolheria um clube com o qual se identificaria.

DE 1900 A 1930

A presença das mulheres nos estádios era elogiada por cronistas esportivos dos periódicos da época e tornava o ambiente propício para o flerte, tanto nas arquibancadas entre torcedores e torcedoras, como entre torcedoras e jogadores. Na contramão dos elogios, como destacou Couto (2012) setores tradicionais e conservadores acreditavam que uma suposta desintegração da família estava atribuída a nova rotina adotada pelas mulheres.

No final da primeira década do século XX, em 1908, na fundação do Atlético Mineiro *Football Club*, um nome teve destaque na história da mulher torcedora: Alice Neves. Mãe de Mario Neves, ela confeccionou os uniformes do time, a primeira bandeira e acolheu em sua casa as reuniões dos garotos. Alice foi a responsável pela criação da primeira torcida organizada feminina do Brasil.

O ATLÉTICO FOI O PRIMEIRO TIME do Brasil (e certamente do mundo) a ter uma torcida feminina organizada. Quem a criou foi essa mulher fantástica, que apoiou os meninos assim que tomou conhecimento da idéia e jamais permitiu que o sonho fosse posto de lado. Alice ia de casa em casa pedindo aos pais autorização para que suas filhas – algumas delas, irmãs dos próprios fundadores – integrassem o grupo. Conseguiu reunir cinquenta moças. Alice Neves era uma torcedora e tanto! As camisas e os calções usados pelos primeiros jogadores foram feitos em sua casa. Foi, sem dúvida, o primeiro exemplo de espírito atleticano da história." (GALLUPO, Ricardo. Atlético Mineiro, 2005: 38-39.)

Após 1915 a participação feminina era mais ativa. As mulheres se posicionavam com admiração declarada a um clube ou a jogadores. Há referências em periódicos, como no do Jornal *O Foot-Ball* (periódico da capital mineira do ano 1917) citado abaixo, de momentos na competição, em que a participação feminina era fator motivacional para o jogador que se esforçava além diante do olhar das torcedoras.

² Liga responsável por organizar os campeonatos da cidade de Belo Horizonte. Teve como fundador e primeiro presidente o Dr. Célio Carrão de Castro. Extinta em 1919.

não ha emoção mais grata ao foot-baller do que pelejar com a pelota sob os olhares de uma donzella que “torça” duplamente: Para si e para seu club. Felizmente, Bello Horizonte ja tem um numero consideravel de “torcedoras”, que comprehendem o foot ball, que nos momentos de angustia deixam escapar uma interjeição que exprime a afflição, o sofrimento de verem o “goal” de sua sympathia perigando (O FOOT-BALL, Belo Horizonte, 1917:2).

A presença feminina não era somente notada, mas requisitada por quem organizava o futebol na capital mineira e a imprensa se encarregava de apontar essa importância, tanto em notas nos jornais conforme citado acima, como em charges, vide abaixo.



FIGURA 1: Charge publicada no jornal *O Foot-Ball*, em 21 de setembro de 1917: 1-2.

No início do ano de 1927, um concurso mobilizou milhares de pessoas da cidade. Organizado pelo periódico “Correio Mineiro”, denominado “Rainha dos Sports”, que consistia em escolher uma das senhorinhas representantes dos principais clubes de futebol da cidade, em que a mais votada ao final obteria o título. Cada clube indicava os nomes de suas rainhas. O cupom para voto vinha no jornal.

CONCURSO DO CORREIO MINEIRO	
Qual será a Rainha dos Sports em Bello Horizonte ?	
Nome	
Club	
Votante	

FIGURA 2: Cupom do concurso “Rainha dos Sports”. *Correio Mineiro*, 01.03.1927: 2

O concurso obteve sucesso e estima-se que a população de Belo Horizonte, em 1927, era de aproximadamente 90.000 habitantes. Com isso, 86.000 votos foram destinados a esse concurso. O título de “Rainha dos Sports” foi dado a senhorinha Nenen Aluotto, torcedora do Club Athletico Mineiro. Seguida pelo segundo lugar da torcedora do Palestra, Horizontina Frederici e Amelia Vanucci, torcedora do Fluminense, que receberam o título de Granduquezas. Somente a primeira colocada recebeu a soma de 34.471 votos. A “Rainha dos Sports”, Nenen Aluotto tinha 14 anos e era frequentadora assídua dos campos, especialmente dos jogos do Athletico, de acordo com Neto (2010).



FIGURA 3: Correio Mineiro, 02.04.1927

A ligação da mulher mineira ao futebol vai se mantendo e é registrada em foto do acervo de memória do Clube Atlético Mineiro, dentro do gramado na inauguração do Estádio Antônio Carlos, o primeiro do clube, no ano de 1930 como uma espécie de “torcida feminina uniformizada”. Na inauguração deste, ainda foi escolhida para madrinha do estádio a filha do governador do estado Sr. Presidente Antônio Carlos, de nome Luizita Andrada, mantendo de certa forma o costume de delegar à mulher o caráter de decorativo, de visibilidade mas também de reconhecimento social.

Não somente na inauguração do novo estádio alvinegro mas também do novo estádio americano, no jogo amistoso entre América³ e Palestra⁴, que terminou empatado, o registro feito pelo *Minas Geraes*, jornal oficial do estado de Minas, destacava mais uma vez o

³ América Football Club, clube da capital mineira fundado em 1912, hoje chamado América Futebol Clube.

⁴ Palestra Itália (*Società Sportiva Palestra Italia*) clube da capital mineira fundado em 1921, passando a se chamar em 1942 Cruzeiro Esporte Clube.

envolvimento das torcedoras mineiras com o esporte: “o que se deve destacar é a grande concorrência de senhoras e senhorinhas da nossa sociedade que encheram todas as arquibancadas, fazendo das festas de hontem uma das mais brilhantes reuniões do anno”⁵. Nessa mesma nota que fala da presença do público feminino abrilhantando a noite, havia uma queixa sobre a postura de uma senhorinha, numa demonstração de total inserção, pertencimento e paixão clubística da mulher mineira, como podemos ver na fala do jornalista:

*Convidados pela directoria do club, estivemos hontem no campo do America, onde os nossos redactores Jair Silva e Jairo de Almeida foram recebidos com muita gentileza por seus associados. [...] No intervalo do jogo, uma torcedora, que pôde ser a mais bonita, mas não é ainda a mais delicada que conhecemos, passou a fazer opposição àquelles nossos queridos colegas, discordando em voz alta do acolhimento com que hontem nos distinguiram. Registrando os instantes de decepção e desapontamento que aquella moça nos reservou na esplendida festa de hontem, sob o pretexto de pertencermos ao Club Athletico Mineiro, renovamos ao commandante Oscar Paschoal e aos associados do America a homenagem da nossa admiração.*⁶

Tendo em vista que, na época, a principal rivalidade se dava entre Atlético-MG e América-MG, reconhecido como um clássico histórico, a nota do *Minas Geraes* confirmava que ali já reinava a rivalidade sem perdão que se manteria até os tempos atuais, e que isso não era um elemento do universo masculino, que as mulheres torcedoras também se vestiam dessa rivalidade.

Outro relato interessante sobre o pertencimento clubístico das torcedoras e sua influência no futebol da capital mineira se dá sobre os jogadores ou *footballers* que se rendiam aos encantos das torcedoras mineiras de forma tal, que haviam casos em que estes trocavam de time por amor não ao clube mas a torcedora. No jornal Estado de Minas de janeiro de 1930 é possível encontrar o registro da história do atacante atleticano Odorino:

*Odorino estava verdadeiramente indeciso. Entre o Athletico e o America o seu coração balançava. Nisso, entra a mulher em scena. Foi um baile. A orquestras tocava “Nelly”, e Odorino, enlaçando uma aristocrática cintura, deslisava pelo salão. “Ella” convencia Odorino a passar para o America, e elle, heroico, resistia. Então a sereia parou de dançar, e falou em voz triste: - É melhor acabarmos tudo, desde agora. Você vae para um lado, e eu para o outro. Quem é que resistiria a isso! Eu não. Nem o leitor camarada. E o Odorino também não resistiu: passou-se com armas e bagagens.*⁷

⁵ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 de set.1929. Seção Desportos, p. 12.

⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 de set.1929. Seção Desportos, p. 13.

⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 5, 18 jan. 1930.

Para aquela que no início do século estava limitada ao ambiente privado e mal saía de casa, seu papel no esporte estava para além do torcer, influenciando os rumos do mercado da bola se assim podemos dizer.

Nas primeiras décadas do século XX o futebol teve grande influência na construção de uma nova identidade social para a mulher belo-horizontina, sua participação ativa como torcedora contestava valores antigos e lhe trazia um espaço a mais de interação.

PÓS 30

Na década seguinte, em 1940, a edição de abril da revista *Educação Física* informava a realização de uma “interessante partida de futebol entre senhoritas” no Rio de Janeiro, que “constituiu um espetáculo de grande sucesso, causando assim sensação em nosso mundo desportivo” (FRANZINI, 2005: 319). Das arquibancadas, as mulheres adentravam aos gramados e a novidade despertava do amor ao ódio. Havia notícias de que clubes se formavam em São Paulo e Belo Horizonte.

O machismo e moralismo se tornavam evidentes, fantasiados de preocupação com o bem estar das brasileiras, quando na verdade o medo era que as mulheres abandonassem o seu papel “natural”⁸ e “invadissem” ainda mais um espaço que enxergavam como masculino. O futebol feminino aparecia como um desvio de conduta, inadmissível para o Estado Novo e para a sociedade brasileira da época. Um anúncio do periódico carioca *Correio da Manhã* que convidava moças de 15 a 25 anos para compor seu elenco, fez vir a tona o inconveniente que o interesse feminino pelo esporte causava, a ponto de um cidadão de nome José Fuzueira escrever uma carta ao presidente Getúlio Vargas, conforme artigo do historiador Fábio Frazini (2005: 319):

Refiro-me, Senhor Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe. [...] Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de 10 quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.

⁸ Papel natural: “Rainha do lar”, “dona de casa”, “boa mãe” e “boa esposa” .

Em abril de 1941, o Decreto Lei 3.199, instituiu o Conselho Nacional de Desportos, afirmando em seu artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” A proibição da prática do futebol feminino só foi revogada em 1980. De 1940 a 1965 não foram encontrados ainda, estudos e registros referentes a participação da mulher torcedora na cidade de Belo Horizonte.

Após a Copa de 1950 diante da assiduidade do público mineiro e de sua paixão progressiva pelo futebol, houve a necessidade de se construir um estádio maior na cidade (os antigos estádios possuíam capacidade de dez mil pessoas). Porém somente em 1959, iniciaram-se as obras e em 1965 o Estádio Governador Magalhães Pinto foi inaugurado. Nos registros encontrados em jornais e revistas sobre a inauguração do Gigante da Pampulha, maneira como o estádio é reconhecido até os dias de hoje, foi possível encontrar menções sobre a reconhecida participação feminina em eventos futebolísticos: “E as mulheres em campo? Que coisa boa é ter mulher em campo. Com suas calças compridas, seus gritos inofensivos, feminis, e sobretudo beleza, que não faltou em nenhum momento. Vieram dar colorido que faltava em campo de futebol”⁹.

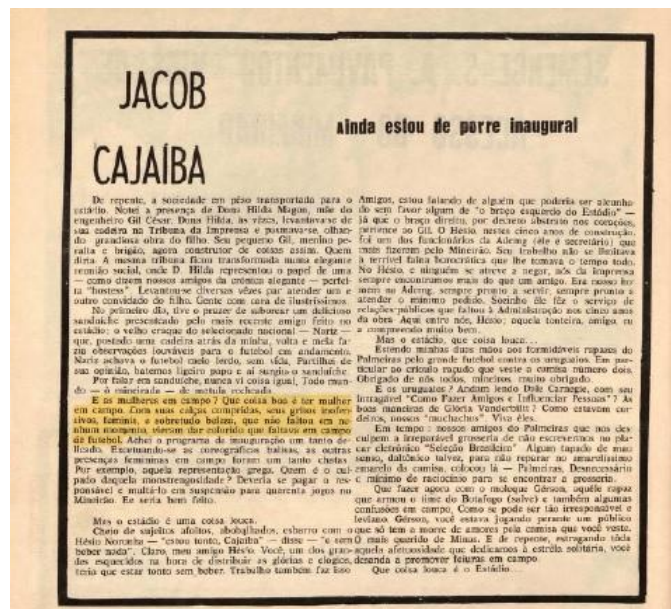


FIGURA 4: Revista Foto Esporte, n.º 10, setembro de 1965.

⁹ Revista Foto Esporte, n.º. 10, setembro 1965.

Do fino trato dado às mulheres, com elegante elogio a sua beleza, com o passar dos anos é possível perceber e encontrar relatos de assédio e a presença feminina já não é algo tão comum. A mulher torcedora entendendo o estádio como espaço exclusivo masculino, encara o assédio como algo natural justamente por entender que aquele espaço não é seu. Há uma legitimação do espaço masculino:

Deixa eu ver... não sei se é bem um preconceito, mas um abusozinho eu já senti. Foi Cruzeiro e Bayer de Munique... a primeira vez que o Cruzeiro foi disputar o Mundial, estava assim lotado e nesse dia eu fui com um cunhado que é americano. Não tinha ninguém pra me levar porque meu marido, naquela época namorado, ele era responsável pelo policiamento do trânsito do Mineirão, então ele ficou ocupado desde cedo até não sei que horas lá com isso, então não tinha ninguém para me levar e eu tava assim louca da vida. Aí meu cunhado foi e falou comigo que me levava, mas só conseguimos ingresso na geral, sabe. Aí realmente, o que me passaram a mão ali... vou te contar... E tava assim... toda hora um passava a mão, por fim meu cunhado ficou atrás de mim me cercando porque, Nossa Senhora, chegava um alisava minha perna, alisava de lá, eles abusaram bastante, quer dizer, não é bem um preconceito, bom não deixa de ser, porque se fosse homem ninguém ia estar passando a mão... Isso foi em 1977. Não era assim tão natural estar ali, mulher era um bicho raro.¹⁰

OS DIAS ATUAIS DA TORCEDORA MINEIRA

Há um sensível desgaste na ideia de que “futebol é coisa de homem”, pois é muito difícil repetir essa sentença sem vê-la contestada pelo razoável número de mulheres que atuam como profissionais, ou que fazem do futebol um lazer para seus momentos de folga (COSTA, 2006/2007).

De forma transgressora as mulheres estão presentes no futebol brasileiro: vão aos estádios, consomem produtos de seus times, são sócias de seus clubes, fazem comentários, divulgam notícias, trabalham no jornalismo esportivo, ainda que lutando por um espaço, arbitram jogos, são técnicas, jogadoras, participam do mundo do futebol e enfrentam os preconceitos existentes e a pouca visibilidade para a modalidade destinada às mulheres que jogam. “À inserção feminina do futebol pode ser vista como uma atitude transgressora porque as mulheres fizeram valer suas aspirações, desejos e necessidades, enfrentando um universo caracterizado como próprio do homem”. (GOELLNER, 2006: 147)

O pioneirismo de Alice Neves no início do século ao formar a primeira torcida feminina de futebol em Belo Horizonte com as cores do Clube Atlético Mineiro faz parte do orgulho de uma das torcidas mineiras. Em 2013 outra iniciativa pioneira, também da torcida

¹⁰ Relato de torcedora do Cruzeiro sobre abuso na geral do Mineirão em 1977, retirado de CAMPOS, P. A. F. Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão. 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer) Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

atleticana se fez necessária para lutar pela igualdade do espaço de todos nas arquibancadas. Surgiu o Galo Queer¹¹ e com essa iniciativa outros coletivos como Cruzeiro Maria, Palmeiras Livre, foram sendo criados pelo país para combater a misoginia, homofobia e lutar pelos direitos das mulheres e das pessoas da comunidade LGBTQ. Com fim de que as arquibancadas sejam um espaço democraticamente dividido entre todos.

Contra qualquer tipo de opressão, as minorias como o Galo Marx e a Resistência Azul Popular também surgiram para que os estádios sejam a cada dia, lugares seguros e acolhedores para todos os gêneros, raças, etnias e que o futebol com seu poder agregador permita qualquer tipo de manifestação cultural. “É nessa modalidade [o futebol] que as desigualdades de gênero se somam com mais força às desigualdades de classe e étnico-raciais”. (GREGORY, 2014: 13).

No entanto, episódios de misoginia, racismo e homofobia se sucedem, de maneira aparentemente crescente, tal como a presença feminina. Em 2016, no desfile de apresentação da nova coleção de uniformes do Clube Atlético Mineiro, várias torcedoras não se sentiram representadas e fizeram uma nota de repúdio, expondo os pontos em que se sentiam excluídas como mulheres torcedoras e consumidoras. Após a nota de repúdio, elas foram virtualmente atacadas, recebendo as mais diversas formas de xingamentos de cunho machista de homens e mulheres, incluindo ameaças.

Desse momento em diante elas começaram a se unir em torno de uma necessidade social para suportarem juntas os ataques, se fortalecendo enquanto mulheres no ambiente do futebol e construindo uma rede de amizade e de certa proteção. Diálogo e sororidade (a origem da palavra sororidade está no latim *sóror*, que significa “irmãs” e é a união e aliança entre mulheres, baseada na empatia e companheirismo, como que um convite a caminharem juntas surgiram no ambiente virtual do twitter e em seguida em encontros presenciais principalmente em dias de jogos do clube. Atualmente elas possuem um blog, com publicação de textos e podcasts sobre o Atlético.

Entre as torcedoras do Cruzeiro, partindo do propósito de ressignificação, podemos encontrar também o *Podcast* das Marias (arquivo digital de áudio transmitido via internet) das Marias que foi criado com o propósito de colocar mulheres para discutir sobre futebol. Encontraram pouca resistência e seguem o trabalho buscando fortalecer a presença feminina e encorajar outras torcedoras a irem ao estádio.

¹¹ GaloQueer é o movimento anti-homofobia e anti-sexismo no futebol dos torcedores do Atlético Mineiro, vulgo Galo Doido.

O embate presente nos discursos das redes sociais e para além destes, cada vez mais demonstra a necessidade de se discutir o lugar da mulher amante do esporte bretão (esporte criado na Grã-Bretanha). Ao mesmo tempo em que notamos a presença assídua das torcedoras, percebemos que mulheres e pessoas LGBT são lembrados nos xingamentos aos torcedores rivais como forma de menosprezar o adversário. Termos como “franga”, “Maria”, “bicha”, são constantemente ouvidos nos estádios pelo país.

As mulheres seguem enfrentando apontamentos feitos a elas pelo tipo de roupas que escolhem para torcer, avaliações e julgamentos de seu comportamento no estádio, como se passassem constantemente por uma prova para pertencer ou não ao ambiente. Há uma batalha jogo a jogo, dia após dia, para fazer parte do mundo da bola, nas arquibancadas, nas bancadas esportivas, nos campos e também fora deles

Diversas iniciativas têm surgido envolvendo torcedoras e torcedores de diversos times do Brasil, questionando e desestabilizando a norma de que futebol é um jogo só para “machos”. Em Belo Horizonte irei me concentrar em como foram e são tratadas as torcedoras dos três clubes da capital mineira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer o papel da torcedora na história do futebol no Brasil é legitimar sua trajetória. Não desmerecendo a importância de cada indivíduo na história que se escreve nas arquibancadas, faz-se necessário compreender que há um espaço dividido entre homens e mulheres desde a chegada do futebol no país e na capital mineira. No caso específico de Belo Horizonte, a presença feminina se manteve com o passar dos anos, ainda que em alguns momentos diminuísse. A mulher torcedora acompanhou o homem torcedor em sua passagem da assistência para o torcer. Fez seu caminho aprendendo sobre o esporte, fazendo suas escolhas clubísticas, participando do movimento do futebol. Hoje, luta por reafirmar sua presença nas arquibancadas e ser reconhecida como torcedora, enfrentando preconceitos e estereótipos que ultrapassaram os anos e não evoluíram com o esporte e as arenas.

Entender que esse espaço sempre foi ocupado pela mulher e de maneira consciente, com conhecimento de causa nada mais é que ver que a divisão do mesmo é justa e coerente, além da importância para a diminuição das desigualdades e preconceitos que existem no meio. A busca de novos tempos neste meio é um processo do qual todos fazem parte e pelo qual todos devem se empenhar. Talvez a mudança esteja a começar em cada canto ou dentro de cada um. O importante é que não haja nunca um ponto final para a discussão.

FIGURAS:

FIGURA 1: Charge publicada no jornal *O Foot-Ball*, em 21 de setembro de 1917:1-2.

FIGURA 2: Cupom do concurso “Rainha dos Sports”. *Correio Mineiro*, 01.03.1927: 2.

FIGURA 3: *Correio Mineiro*, 02.04.1927

FIGURA 4: Revista Foto Esporte, n.º 10, setembro de 1965.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, P. A. F. Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão. 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

CAPPELLANO, Renata. O torcedor de futebol e a imprensa especializada. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, 28 de abr.1940. Seção Pingos e Respingos.

CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 17 fev. 1927. Seção Jogos e Desportos.

CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, 01 mar. 1927. Seção Jogos e Desportos.

CORREIO Mineiro. Belo Horizonte, p. 1, 02 abr. 1927.

COUTO, Euclides de Freitas. Os diferentes modos de torcer: a presença feminina nos estádios belo-horizontinos (1908-1927). In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2013. **Anais...** Rio Grande do Norte. p.1 -17.

COSTA, Leda Maria da. “O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980”. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 13, Rio de Janeiro, 2017, p. 493-507.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 5, 18 jan. 1930.

FRANZINI, Fábio. “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, São Paulo, 2005, p. 315-328.

GALUPPO, Ricardo. *Raça e Amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, v.19, n. 2, São Paulo, jun. 2005, p.143-151.

LIMA, E. J. S. Além das quatro linhas: o futebol como espaço de sociabilidade feminina. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2013. **Anais...** Rio Grande do Norte. p 1-16.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 de set.1929. Seção Desportos, p. 12.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 08 de set.1929. Seção Desportos, p. 13.

MOURA, E. L. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org.). Futebol, cultura e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 131-147.

NETO, G. J. S. A Invenção do Torcer em Belo Horizonte: Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930), Minas Gerais. UFMG: 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O *FOOT-BALL*, Belo Horizonte, 1917.

Revista Foto Esporte, nº. 10, set. 1965.

RIBEIRO, Raphael Rajão. A BOLA EM MEIO A RUAS ALINHADAS E A UMA POEIRA INFERNAL: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Belo Horizonte: UFMG: 2007. Dissertação de mestrado em História Social da Cultura.

SANTOS, André C. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. *Lecturas, EF y deportes*, n.86, 2005. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd87/minerao.htm>>. Acesso: 11 set. 2018.

STAHLBERG, L.T. Jogando em Vários Campos: Torcedoras, Futebol e Gênero. In: COSTA, Carlos Eduardo; TOLEDO, Luiz Henrique (Orgs.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.